



# A PERCEÇÃO DO TEMPO POR MEIO DA ASPECTUALIZAÇÃO TEMPORAL E ACTANCIAL EM DUAS CANÇÕES BRASILEIRAS

Julio Manoel da Silva Neto<sup>i</sup>

**RESUMO** – O presente artigo, com base no conceito de aspectualização, mais precisamente nos conceitos de aspectualização temporal e aspectualização actancial, teve como objetivo analisar duas canções brasileiras **Aquela dos 30**, interpretada por Sandy Leah, e **Envelhecer**, interpretada por Arnaldo Antunes. Em ambas, aborda-se a temática do envelhecimento, notamos como os observadores instaurados no discurso veem a passagem do tempo e lidam com essa situação. Na primeira canção, o tempo está sempre acelerado o que gera uma angústia no enunciador, por não estar fazendo as coisas que tinha planejado. Além disso, o envelhecimento, para o actante é visto de forma desidentificada, pois ele não consegue se ver nem como jovem, nem como velho. Por sua vez, na segunda, o tempo faz um caminho inverso, no qual o enunciador quer viver e aproveitar cada momento. No que tange à relação com velhice, o actante está em justa medida com o processo de envelhecimento, quer vivê-lo, aceita-o como parte natural da vida.

**PALAVRAS-CHAVE** – Semiótica. Aspectualização. Classes de palavras.

**ABSTRACT** – This article, based on the concept of aspectualisation, more precisely in the concepts of temporal aspectualisation and actancial aspectualization, had the objective of analyzing two Brazilian songs, **Aquela dos 30**, interpreted by Sandy Leah, and **Envelhecer**, interpreted by Arnaldo Antunes. In the two songs, which address the theme of aging, we note how the observers established in the discourse see the passage of time and deal with this situation. In the first song, time is always accelerated, which creates anguish in the enunciator, by not doing the things he had planned. In addition, aging for the actant is viewed in a disidentified manner, as it cannot be seen as young or old. In turn, in the second, time makes an inverse path, in which the enunciator wants to live and enjoy each moment. As for the relationship with old age, the actant is in perfect measure with the aging process, living it, accepting it as a natural part of life.

**KEYWORDS** – Semiotics. Aspectualization. Classes of words.



## Introdução

Os estudos da aspectualização, como salienta Gomes (2014), carecem de aprofundamentos. Em nosso país, ainda são pouco autores que abordam esta temática e, ainda assim, não há um consenso em suas análises, o que torna a pesquisa bem variada e com múltiplos olhares para as análises dos objetos estudados.

Definido, inicialmente como um estudo que restringia seu espectro de avaliação ao tempo, a aspectualização, com o passar dos anos, ampliou seu leque de análise, passando a compreender também o ator e o espaço (FIORIN, 1989; BERTRAND, 2000; DISCINI, 2006), veremos, a seguir, mais sobre esses elementos. Em relação as três dimensões (temporal, actancial e espacial) apresentadas, o presente trabalho terá como escopo a análise de duas dimensões: a temporal e a actancial.

A observação dessas categorias, temporal e actancial, será realizada em duas canções populares brasileiras **Aquela dos 30**, interpreta por Sandy, e **Envelhecer**, interpretada por Arnaldo Antunes. Com base na análise das canções, nosso objetivo é avaliar como observador instaurado no discurso nota a passagem do tempo e consegue depreender a questão do envelhecimento.

## Pressupostos teóricos-metodológicos: compreensão de conceitos fundamentais à aspectualização

Para a semiótica francesa, o texto deve ser compreendido como um objeto de significação, assim, em sua análise, “preocupa-se fundamentalmente em estudar os mecanismos que engendram o texto, que o constituem como uma totalidade de sentido” (FIORIN, 1995, p. 166). Esta teoria semiótica apresenta-se como uma teoria sintagmática, geral e gerativa. Sintagmática, porque procura explicar a produção e a interpretação dos textos, indo além apenas das unidades lexicais; geral, pois se interessa por qualquer tipo de texto, independente da sua manifestação – verbal, não verbal, sincrética; e gerativa, pois segue um percurso de sentido, partindo do estágio mais simples e abstrato ao complexo e concreto, passando pelos níveis



fundamental, narrativo e discursivo, contendo, cada um desses, uma semântica e uma sintaxe básicas.

O nível fundamental é o que ordena as categorias semânticas mais gerais, partindo sempre de uma oposição fundamental, que pode, a depender do contexto, ganhar valores eufóricos (+ positivos) ou disfóricos (- negativos). O nível narrativo, intermediário, instala um sujeito que entra em relação de /conjunção/ ou /disjunção/ com o objeto (também instalado) que obtém um valor específico. Por sua vez, no nível discursivo, em que as estruturas narrativas abstratas se revestem, é instaurada a enunciação. Neste nível final, compreende-se que a apreensão do sentido não é dada apenas pelo enunciado, mas engloba a enunciação. Dessa forma, é neste nível que se encontra a aspectualização, mais precisamente na sintaxe discursiva que abrange dois aspectos: “a) as projeções da instância da enunciação no enunciado; b) as relações entre enunciador e enunciatário, ou seja, a argumentação” (FIORIN, 2014, p. 57).

Antes de tratarmos em si da aspectualização, é necessário fazermos uma distinção entre esse conceito e o aspecto.

O aspecto implica na instalação de um marco, de um ponto de referência. Tal marco pode compreender tanto as etapas internas – início, meio e fim – quanto também as bordas. Para Bertrand,

o aspecto modula o conteúdo semântico do predicado, quer seja no passado, quer seja no presente ou no futuro, conforme seja considerado como acabado (como o pretérito) ou não-acabado (como o imperfeito), pontual, iterativo ou durativo, incoativo (considerado no seu começo) ou terminativo (considerado na sua conclusão) (BERTRAND, 2000, p. 415-16).

Diante da citação apresentada, é perceptível que o estudo do aspecto é intrinsecamente relacionado ao tempo – englobando não apenas o verbo, mas também outras classes de palavras, como o nome e o adjetivo, por exemplo (RIEGEL; PELLAT; RIOUL, 2009). Contudo, alguns semioticistas ampliaram esta noção para a análise também da actorialização e da espacialização. Com base nessas informações, partimos para o conceito de aspectualização.

Greimas e Courtés (2008, p. 39), no dicionário de semiótica, definem aspectualização como



[...] a disposição, no momento da discursivização, de um dispositivo de categorias aspectuais mediante as quais se revela a presença implícita de um actante observador. Esse procedimento parece ser geral e caracterizar os três componentes, que são a actorialização, a espacialização e a temporalização, constitutivos dos mecanismos de debreagem.

Notamos, desse modo, que a aspectualização é definida como a inscrição implícita de um actante observador que, tomando os eventos como processos, instaura um ponto de vista, julgando, segundo uma determinada perspectiva e apresentando, desse modo, uma orientação argumentativa.

A aspectualização difere-se da temporalização, da actorialização e da espacialização pelo fato de considerar a enunciação e as coordenadas de tempo, pessoa e espaço em um processo em marcha, que independe das formas dêiticas da enunciação. Diante disso, “o tempo pode ser apreendido em sua duração, o espaço em sua trajetória e o sujeito em seu processo gradual de transformação, sendo que o observador pode se posicionar em qualquer ponto desse contínuo” (GOMES, 2011, p. 39).

Além da inscrição de um observador que julga o evento, podemos elencar, como outra categoria mais geral de análise, em que as ações podem ser interpretadas, o quadrado proposto por Gomes (2011):

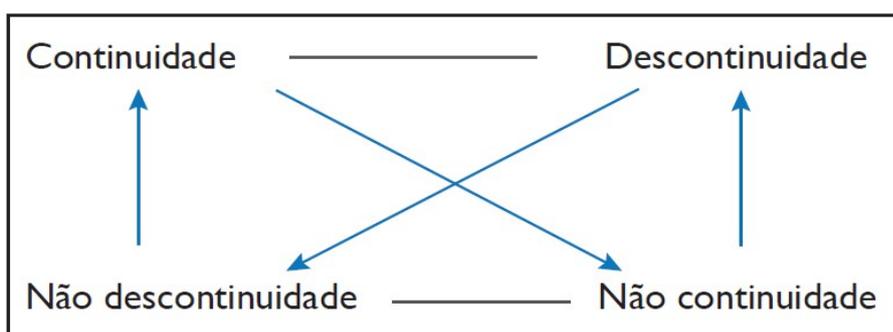


Figura 1: categorias aspectuais (GOMES, 2011)

No caso da aspectualização temporal, por exemplo, segundo o quadrado, o par continuidade vs. descontinuidade, indica o prosseguimento ou interrupção, respectivamente, do



processo; por sua vez, a não descontinuidade expressa uma segmentação, modulação e a não continuidade uma pausa, mas que indicia uma possível reversibilidade.

Em um desdobramento do realizado por Greimas e Courtés, Zilberberg (2006) apresenta o que podemos denominar como semiótica tensiva. Resumindo o postulado pelo autor francês, Mendes (2010) faz a seguinte afirmativa: “a semiótica tensiva procura analisar as figuras da ordem da instabilidade, do devir, da gradiência etc., objetos que não estavam no escopo da semiótica *standard*” (MENDES, 2010, p. 39).

Realizando uma bifurcação da tensividade entre a intensidade, estados da alma, e a extensidade, estado das coisas, Zilberberg (2006) propõe que a intensidade une o andamento e a tonicidade, ao passo que a extensidade, a temporalidade e a espacialidade; sendo esta (extensidade) regida por aquela (intensidade). Ainda, como ratifica o autor, “quanto à terminologia, a intensidade e a extensidade assumem a posição de dimensões; o andamento e a tonicidade, por outro lado, a temporalidade e a espacialidade, por outro, assumem a posição de **subdimensões**” (ZILBERBERG, 2006, p. 4, grifo do autor).

Essas subdimensões são interligadas com foremas, que se dividem em três, a saber: direção posição e elã. Esse cruzamento entre três foremas com quatro subdimensões produz um total de doze pares de valência, apresentados na Tabela I.

<i>dimensões</i>	intensidade regente		extensidade regida	
<i>subdimensões</i>	andamento	tonicidade	temporalidade	espacialidade
<i>foremas</i>				
direção	aceleração vs desaceleração	tonificação vs atonização	foco vs apreensão	abertura vs fechamento
posição	adiantamento vs retardamento	superioridade vs inferioridade	anterioridade vs posterioridade	exterioridade vs interioridade
elã	rapidez vs lentidão	tonicidade vs atonia	brevidade vs longevidade	deslocamento vs repouso

Tabela 1: Quadro de categorias tensivas (ZILBERBERG, 2006)



Atentando-nos para a valência aceleração vs. desaceleração, gerada a partir da subdimensão do andamento, e o forema direção, na composição da intensidade, percebemos que a velocidade representada pelo andamento faz com que a duração possa ser apreendida de forma mais curta ou extensa. Este aspecto é fundamental para a análise das canções na seção 2.

Passemos, a seguir, para a aspectualização actancial.

O sujeito que vive em sociedade é modalizado pelo dever. Este dever, prescrito pelas relações sociais pré-estabelecidas, é bifurcado entre o **dever fazer** e o **não dever fazer**. Seguindo o primeiro – dever fazer – o indivíduo ganha um valor positivo pela sociedade; caso siga o segundo – não dever fazer –, este indivíduo obtém um valor negativo.

Tais comportamentos sociais, como indica Fiorin (1989), são fortemente aspectualizados. Segundo o autor

em nossa sociedade, o que pauta a vida dos homens nas suas relações com os outros é uma lógica de gradualidade. Nela são considerados disfóricos o excesso (polo positivo) e a insuficiência (polo negativo), enquanto a justa medida é vista como termo eufórico (FIORIN, 1989, p.350).

Nesse sentido, o que Fiorin nos apresenta é que a aspectualização actancial, julgada pelo actante observador – nesse caso, a sociedade –, valoriza aquilo que é considerado como neutro, a justa medida, sendo, desse modo, o excesso e a falta aspectos avaliados negativamente.

Deve-se levar em consideração, contudo, que estes valores não são universais, absolutos, uma vez que as características culturais mudam. Logo, algo que em nossa cultura pode ser avaliado de forma negativa, em outra, poderá ser positiva.

Vejamos a seguir como a aspectualização temporal e actancial são manifestadas nas canções.

## **Análise das canções**

Nesta seção, contemplamos uma discussão a respeito da aspectualização temporal e actancial em **Aquela dos 30**, composta por Sandy e Lucas Lima, interpretada por Sandy, e **Envelhecer**, composta por Arnaldo Antunes, Marcelo Jeneci e Ortinho, interpretada por



Arnaldo Antunes. Ambas as músicas, produzidas em primeira pessoa, apresentam como foco central a passagem do tempo, em ambas as canções também é importante salientar que o narrador e o observador estão em sincretismo, são figuratizados como o mesmo ator. Dessa forma, mesmo compreendendo a sua imbricação, licenciemo-nos a utilização dos termos actante do enunciado, narrador e observador para diferenciá-los nos momentos em que almejamos salientar mais um do que outro.

### **Aquela dos 30 – Sandy**

A canção interpretada por Sandy, no primeiro verso, “Hoje já é quinta-feira” instaura uma marcação temporal metafórica na enunciação. Ao longo da canção, este fato fica mais claro, mas é perceptível que este dia específico não foi escolhido aleatoriamente, quinta-feira é basicamente o meio da semana e é como o actante da enunciação se percebe, ele está no meio do caminho no ciclo da vida (“Sou jovem pra ser velha/ E velha pra ser jovem”)

Observamos que o marco temporal instaurado no discurso evidencia uma concomitância com o momento da enunciação, vemos isso pelo advérbio de tempo “hoje” e pelo emprego dos tempos verbais no presente “é”, “tenho”.

Ao longo da primeira estrofe, é possível notarmos que esta passagem temporal ocorreu de forma repentina, abrupta, para o narrador, sem que ele pudesse perceber. Logo, o elã do tempo foi acelerado demais, o que indica, assim, uma ruptura, gerando uma sensação de perda no narrador. Conseguimos depreender o apresentado anteriormente pelo uso repetido do advérbio “já” – “Hoje **já** é quinta-feira/ E eu **já** tenho quase 30” (analisaremos esse advérbio com maior profundidade mais adiante).

Ainda na primeira estrofe, observamos que o narrador almeja uma transformação em sua vida, estabelecendo uma necessidade de ser diferente do que é atualmente – “Acabou a brincadeira/ E aumentou em mim a pressa/ **De ser tudo que eu queria e ter/ Mais tempo**



**pra me exercer**". Concluimos que, diante dessa constatação da irreversibilidade do tempo – já ser “quinta-feira”<sup>1</sup>, o actante almeja realizar tudo que ainda deseja.

É interessante atentarmo-nos para a estrutura em negrito acima, os verbos não são usados no futuro, mas é perceptível que a estrutura dos versos apresenta um caráter de projeção para o futuro, contudo está no nível da fantasia, do desejo – “ser tudo que eu queria” – logo tais anseios podem não se concretizar.

Observemos agora o refrão:

**Tenho** sonhos adolescentes  
**Mas** as costas **doem**  
**Sou** jovem pra ser velha  
**E** velha pra ser jovem  
**Tenho** discos de 87  
**E** de 2009  
**Sou** jovem pra ser velha  
**E** velha pra ser jovem

A partir das marcações realizadas acima, notamos verbos no presente do indicativo e conectivos que carregam consigo características semânticas de oposição. Os verbos ser e ter, como sabemos, indicam predicados dos sujeitos, relacionando-se, assim, ao personagem. Nos dois primeiros versos, notamos uma interessante construção discursiva: ter sonhos adolescentes seria planejar, querer muitas coisas, contudo, isso não possível, o actante não obtém o **poder fazer**, por suas costas doerem. Notamos, assim, uma interrupção, descontinuidade em relação à execução das ações que queria realizar, gerada pela impossibilidade física decorrente da idade.

Ainda sobre o refrão, é interessante analisar que o observador baliza sua avaliação por dois polos (ser velho/ ser jovem), mas, ao mesmo tempo, nega-os (Sou jovem pra ser velha/ E velha pra ser jovem). Ele se encontra na idade mediana (quase 30), mas seus parâmetros de avaliação são extremo, o que faz com que ele não se encaixe em nenhum e esteja deslocado.

---

<sup>1</sup> Ao utilizarmos os dias da semana entre aspas estamos caracterizando a estrutura metafórica construída pelo narrador entre os dias da semana e o ciclo da vida.

---



Outro ponto ainda relevante a ser analisado é a questão dos discos, que indica um aspecto relativo ao tempo. O actante tem uma coleção de 22 anos de disco – de 87 a 2009, o que marca, dessa forma, o tempo vivido por ele e a sua relação com a música.

O importante deste refrão, como um todo, é a realização de oposições fundamentais entre as épocas apontadas segundo o observador – jovem ou velho – e a não inserção desse sujeito dentro delas. Este refrão é repetido quatro vezes ao longo da canção, percebe-se, assim, o seu caráter iterativo, marcando sempre esse sujeito em transe, em desconcerto.

Cumprindo ainda salientar a repetição do refrão que ocorre no final da canção. Na segunda vez que repete, o verso “Tenho discos de 87 e de 2009” é substituído pelo “Dou valor ao que a alma sente/ Mas já curti Bon Jovi”. Tal troca indica, uma transformação antiga na vida do actante. Compreendendo Bon Jovi como uma banda hard rock, isto é, um estilo de rock mais pesado e agressivo, o actante já aproveitou esta fase, mas agora, dá “valor ao que alma sente”, o que demonstra um outro tipo de busca. Notamos esta transformação por meio dos verbos no presente (dou) e pretérito perfeito (curti).

Continuando a sua reflexão sobre o tempo perdido, o narrador instaura uma nova marca temporal na enunciação. Do momento em que está – “Hoje já é quinta-feira” –, ele volta para quando tinha 20 anos – “E há pouco eu tinha quase 20” –.

Como postula Fiorin “o futuro do pretérito tem, na maior parte das vezes, o caráter de uma antecipação imaginária (...) tem um valor hipotético” (FIORIN, 2001, p. 160), notamos que o narrador tinha muitos planos, mas pela passagem rápida do tempo, ele não conseguiu concretizá-los – “Tantos planos eu fazia/ E eu achava que em 10 anos/ **Viveria** uma vida/ E não me **faltaria** tanto pra ver”. Percebemos, assim, nesse ponto da canção uma continuidade (a crença do narrador na possibilidade de realizar os seus desejos) e uma descontinuidade (o tempo que passou e a descoberta da impossibilidade de realizar tudo o que almejava).

Investiguemos, agora, as duas primeiras estrofes que compõem esta canção (tirando o refrão).

Hoje já é quinta-feira  
E eu já tenho quase 30  
X



Hoje já é quinta-feira  
E há pouco eu tinha quase 20

É curiosa a utilização dos advérbios “já” e “quase”. Conforme assinala Fiorin (2001), o advérbio “já” possui os traços denominados como /posterioridade/, /concomitância/ e /acabado/. Por sua vez, o “quase” para Castilho (2010) é classificado como um qualificador delimitador aproximador, pelo fato de promover uma imprecisão, comprometendo, assim, a interpretação prototípica do enunciado.

Ao se utilizar o “já”, o narrador pressupõe que um determinado fato ocorreria em um momento posterior, sendo concomitante e acabado em relação a um ponto de referência instaurado no discurso (no caso da canção, realizar trinta anos e ser “quinta-feira”), logo percebemos que o narrador esperava ter realizado mais do que realizou até o momento. Ao utilizar o “quase”, por sua vez, gera-nos uma imprecisão sobre a sua verdadeira idade, o que muda os sentidos construídos no texto, o narrador ainda não tem 30 (quase 30), nem tinha 20 (quase 20).

Na busca pelo tempo, é relevante notar como em determinado momento esse passa a ser figurativizado. O narrador personifica o tempo – “O tempo falta” –. Também cumpre salientar o jogo realizado entre o verbo “faltar” na terceira pessoa do singular e o substantivo “falta” – O tempo **falta**/ E me faz tanta **falta** –, o que reitera a falta de tempo e, ao mesmo tempo, gera a angústia do narrador, pois tem percebido que o tempo está em constante aceleração e os seus desejos não estão sendo concluídos.

Notamos, por fim, que, na canção, o tempo está sempre acelerado, o andamento é rápido e a tonicidade maior, o que faz com que se perceba a passagem do tempo de forma abreviada, inapreensível, como é possível ratificar no final da canção: “Já é quase meia-noite/ Quase sexta-feira/ E me falta tanto ainda”.

## **Envelhecer – Arnaldo Antunes**

Observemos agora como é tratada a questão do tempo na segunda música, de Arnaldo Antunes.



# REVISTA *LUMEN ET VIRTUS*

VOL. IX N° 23

DEZEMBRO / 2018

ISSN 2177-2789

---

Notamos, logo no início, como a velhice ganha, para o observador instaurado no discurso, um valor eufórico – “A coisa mais moderna que existe nessa vida é envelhecer”. Tal fato fica mais latente em alguns versos apresentados mais adiante: “Pois ser eternamente adolescente nada é mais *demodê*”. Quer dizer, tentar ser adolescente para sempre, impedir que a velhice chegue, é algo fora de moda, desatualizado. Logo, observa-se essa valorização da terceira idade.

A questão do envelhecimento, na canção, é tratada de forma gradual, imperfeita, nesse contexto, o tempo segue de forma desacelerada, o andamento é mais lento e a tonicidade menor. Tal extensão do tempo fica clara por meio dos períodos compostos por coordenação e também por meio das perífrases verbais formadas por gerúndios em:

A barba **vai descendo** e os cabelos **vão caindo** pra cabeça aparecer  
Os filhos **vão crescendo** e o tempo **vai dizendo** que agora é pra valer  
Os outros **vão morrendo** e a gente aprendendo a esquecer

Essas perífrases, em conjunto com a estrutura composicional dos versos (orações coordenadas aditivas), constroem o processo de envelhecimento. Como ratificamos acima, este processo ocorre de forma lenta e gradual, contemplando a experiência do que é envelhecer. Devido a não aceleração do tempo, podemos ver com maior lentidão as etapas do envelhecimento na enunciação.

Cumpramos salientar, que essa passagem do tempo pelo narrador é marcada por um **querer saber** e **querer experimentar** o envelhecimento. Vemos essas marcas nos versos a seguir:

Não quero morrer pois quero ver  
Como será que deve ser envelhecer  
Eu quero é viver pra ver qual é  
E dizer venha pra o que vai acontecer

É possível notar como o narrador cria expectativas em relação a envelhecer – “Não quero morrer pois quero ver/ Como será que deve ser envelhecer”. Ele não olha para o passado,

---



# REVISTA *LUMEN ET VIRTUS*

VOL. IX N° 23

DEZEMBRO / 2018

ISSN 2177-2789

---

as projeções são lançadas para o futuro, prospectivas, seguindo o fluxo contínuo do tempo e motivado pelo **querer** – “não quero morrer/ quero ver/ quero é viver”.

O valor modal de volição continua presente no refrão.

Eu quero que o tapete voe  
No meio da sala de estar  
Eu quero que a panela de pressão pressione  
E que a pia comece a pingar  
Eu quero que a sirene soe  
E me faça levantar do sofá

Com verbos no subjuntivo, indicando desejos, observamos estruturas metafóricas construídas pelo narrador. Detalhemos tais questões a seguir:

Eu quero que a panela de pressão pressione/ (...)  
Eu quero que a sirene soe

Em uma curva ascendente, é notável que os anseios do narrador estão metaforizados em um grau máximo, no pico mais elevado. Por exemplo, a panela de pressão apenas pressiona ao chegar ao pico de ebulição; por sua vez, a sirene apenas soa quando se precisa dar um aviso sonoro imprescindível, como os veículos de bombeiros, polícia, ambulância ou para avisar aos moradores de áreas de risco em caso de catástrofes iminentes. Logo, seus desejos estão no extremo: “E que a pia comece a pingar.”

Nesta estrutura, percebemos a deterioração do material. Devido a algum desgaste nos canos, que a pia pinga. Essa metáfora com vida demonstra que o narrador quer viver ao máximo, mesmo estando envelhecido, ele não quer parar. Este ponto fica mais saliente nos versos: “E quando eu esquecer meu próprio nome/ Que me chamem de velho gagá”.

Quer dizer, quando ele chegar ao extremismo total de esquecer o próprio nome, ele não se importará em ser chamado de velho gagá. Notamos que ele não usa o **se** conjunção condicional, usa o **quando**, conectivo temporal, o que faz com que ele tenha certeza de que



esquecerá o seu próprio nome, que chegará a essa borda da linha da sua vida: “Eu quero pôr Rita Pavone/ No *ringtone* do meu celular”.

Interessante atentarmos também à composição dos versos acima. Rita Pavone é uma cantora italiana que começou a sua carreira em 1962, e os *ringtones* nos celulares surgiram, aproximadamente, a partir dos anos 2000. Desse modo, o narrador se vale tanto do presente quanto do passado. O passado, como vimos até aqui, contudo, não é nostálgico. Ele usa algo do presente (*ringtones* de celular) para poder ouvir aquilo que o atraía no passado (Rita Pavone). Curioso como essa construção do tempo é apresentada aqui de forma condensada, unindo o passado com o presente num sobressalto, apontando para o uso da tecnologia atual: “Eu quero estar no meio do ciclone/ Pra poder aproveitar”.

Nesses versos, notamos de forma mais nítida que o narrador almeja viver tudo que ainda pode, ele quer aproveitar a vida.

Ainda em relação ao refrão, cumpre notar que o narrador deseja muitas coisas. Contudo, não necessariamente, elas ocorrerão e/ou ocorrerão ao mesmo tempo. Em vista disso, diversas possibilidades distintas de ações metafóricas, englobando os níveis da imaginação (“Eu quero que o tapete voe”), do cotidiano (“Eu quero que a panela de pressão pressione/ E que a pia comece a pingar”) e da tecnologia (“Eu quero pôr Rita Pavone/ No *ringtone* do meu celular”) são indiciadas, o que ratifica, mais uma vez, essa vivacidade, não há medo em envelhecer, ele quer viver todas as facetas possíveis.

## Conclusões

Em relação à passagem do tempo, por meio das análises da aspectualização temporal e actancial nas canções **Aquela dos 30** e **Envelhecer**, interpretadas, respectivamente, por Sandy e Arnaldo Antunes, percebemos traços que tanto se aproximam quanto se afastam.

Na primeira canção, a velhice, mesmo sendo tratada como uma segmentação – ser jovem ou ser velha –, não é apresentada como um ponto positivo. Ela é um estágio terminal em que o tempo vai passando e as atividades que se almeja realizar nunca conseguem ser concretizadas, “Já é quase meia-noite/ Quase sexta-feira/ E me falta tanto ainda”. Já para a segunda canção, a velhice é uma etapa ainda de realizações, envelhecer é algo bom – “A coisa

---



mais moderna que existe nessa vida é envelhecer”. Podemos dizer, assim, que, na primeira canção, a velhice obtém valor disfórico, ao passo que, na segunda, eufórico.

No que tange ao ator envolvido, na canção interpretada por Sandy, o ator está na falta, desidentificado – “Sou jovem pra ser velha/ E velha pra ser jovem”, há uma descontinuidade no que tangem as ações, pois essas não podem se realizar mais devido a, dentre outros aspectos, suas condições físicas – “Tenho sonhos adolescentes/ Mas as costas doem”. Já na canção de Antunes, o ator, movido pela volição, está em justa medida “Eu quero é viver pra ver qual é/ E dizer venha pra o que vai acontecer”, ele aceita a velhice.

Em relação ao tempo, tematizado por ambos os narradores, como indica Zilberbeg “o andamento rege a duração (...) na medida em que a velocidade, para os homens, abrevia a duração do **fazer**. **Quanto mais** elevada é a velocidade, **menos** longa é a duração” (ZILBERBERG, 2006, p. 4, grifos do autor), assim em **Aquela dos 30**, o tempo passa de forma bem acelerada, rápido de tal modo que o narrador não consegue apreendê-lo, o que gera um desconforto “O tempo falta/ E me faz tanta falta/ Preciso de um tempo maior”. Em **Envelhecer**, ocorre o inverso, o tempo é desacelerado, o que nos deixa observar a construção do envelhecimento “A barba vai descendo e os cabelos vão caindo pra cabeça aparecer”. O narrador tem noção de que o tempo nunca para – “Que felizmente ou infelizmente sempre o tempo vai correr” – e, desse modo, ele precisa aproveitá-lo no agora “Eu quero é viver pra ver qual é/ E dizer venha pra o que vai acontecer”.

Por fim, notamos como, por meio dos elementos da aspectualização temporal e actancial, foi possível uma análise aprofundada de diversas questões presentes nas duas canções relativos à percepção da passagem do tempo e o ator. Percebemos que a aspectualização amplia as visões de análises dos textos. Com o aporte de seus instrumentos teórico-metodológicos, podemos investigar diferentes gêneros verbais, não-verbais e sincréticos. Pretendemos, dessa forma, que este artigo possa ter auxiliado na ampliação e no aprofundamento dos estudos da aspectualização em língua portuguesa.

## REFERÊNCIAS

---



ANTUNES, Arnaldo; JENECCI, Marcelo e ORTINHO. Envelhecer. CD: **Lê, Lê, Lê**, 2009. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/arnaldo-antunes/1547283/>>. Acesso em 20/dez/2016

BERTRAND, Denis. **Caminhos da Semiótica literária**. São Paulo: edusc, 2003.

CASTILHO, Ataliba T. De. O sintagma adverbial.. In: \_\_\_\_\_. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010. p. 541.-582

FIORIN, José Luiz. A noção de texto na semiótica. In: **Organon**. Porto Alegre, v. 9, n. 23, p. 165-176, 1995. Disponível em:

<<http://www.seer.ufrgs.br/organon/article/viewFile/29370/18060>>

\_\_\_\_\_. **Elementos de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2014.

\_\_\_\_\_. Do tempo. In: \_\_\_\_\_. **As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo**. São Paulo: Ática, 2001. p. 127-229.

GOMES, Regina S. Semiótica e ensino: modalização e leitura do texto. In: **Ensino de língua e literatura – reflexões e perspectivas interdisciplinares**. Organização: RAMOS, Darnival V.; ANDRADE, Karylleila dos S.; PINHO, Maria J. de. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2011.

\_\_\_\_\_. **Aspectualização em poemas publicados em sites de poesia**. [Texto inédito]

\_\_\_\_\_. (org.). **Aspectualização pela análise de textos**. Rio de Janeiro: E-book, 2014.

GREIMAS, Algirdas J.; COURTÉS, Joseph. **Dicionário de semiótica**. São Paulo: Contexto, 2008.

LIMA, Sandy Leah; LIMA, Lucas. Aquela dos 30. EP: **Princípios, meios e fins**, 2012. Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/sandy/aquela-dos-30.html>>. Acesso em 20/dez/2016

MENDES, Conrado Moreira. O conteúdo da fala do Jornal Nacional à luz da semiótica discursiva. In: **EntreLetras**. Tocantins. v.1, n. 1. p. 34-51. Disponível em: <<https://sistemas2.uft.edu.br:8004/index.php/entreletras/article/view/1068>>. Acesso em 20/dez/2016

RIEGEL, Martin; PELLAT; Jean-Christophe; RIOUL, René. **Grammaire méthodique du français**. France : PUF, 2009

---



# REVISTA *LUMEN ET VIRTUS*

VOL. IX N° 23

DEZEMBRO / 2018

ISSN 2177-2789

---

ZILBERBERG, Claude. **Elementos da gramática tensiva**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2006.



---

<sup>1</sup> Mestre em Letras Vernáculas – Língua Portuguesa, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), professor B da Secretaria de Estado da Educação do Espírito Santo (SEDU),  
E-mail: [juliomassine@yahoo.com.br](mailto:juliomassine@yahoo.com.br).